

2022.1 . Ano XXXIX . Número 43

# CALÍOPE

## Presença Clássica

*(separata 6)*



2022.1 . Ano XXXIX . Número 43

# CALÍOPE

## Presença Clássica

ISSN 2447-875X

*(separata 6)*

EDITORES

Fábio Frohwein de Salles Moniz

Rainer Guggenberger

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas  
Departamento de Letras Clássicas da UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
REITOR Denise Pires de Carvalho

CENTRO DE LETRAS E ARTES  
DECANA Cristina Grafanassi Tranjan

FACULDADE DE LETRAS  
DIRETORA Sonia Cristina Reis

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS  
COORDENADOR Rainer Guggenberger  
VICE-COORDENADOR Ricardo de Souza Nogueira

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS  
CHEFE Simone de Oliveira Gonçalves Bondarezuk  
SUBSTITUTO EVENTUAL Fábio Frohwein de Salles Moniz

EDITORES  
Fábio Frohwein de Salles Moniz  
Rainer Guggenberger

CONSELHO EDITORIAL  
Alice da Silva Cunha  
Ana Thereza Basílio Vieira  
Anderson de Araujo Martins Esteves  
Arlete José Mota  
Auto Lyra Teixeira  
Ricardo de Souza Nogueira  
Tania Martins Santos

CONSELHO CONSULTIVO  
Alfred Dunshirn (Universitat Wien)  
David Konstan (New York University)  
Edith Hall (King's College London)  
Frederico Lourenço (Universidade de Coimbra)  
Gabriele Cornelli (UNB)  
Gian Biagio Conte (Scuola Normale Superiore di Pisa)  
Isabella Tardin (Unicamp)  
Jacyntho Lins Brandão (UFMG)  
Jean-Michel Carrié (EHES)  
Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra)  
Martín Dinter (King's College London)  
Victor Hugo Méndez Aguirre (Universidad Nacional Autonoma de México)  
Violaine Sebillote-Cuchet (Université Paris 1)  
Zelia de Almeida Cardoso (USP) – *in memoriam*

CAPA  
Templo de Selinunte (Sicília, Itália).

EDITORAÇÃO  
Fábio Frohwein de Salles Moniz | Rainer Guggenberger

REVISORES DO NÚMERO 43  
Arthur Rodrigues Pereira Santos | Fábio Frohwein de Salles Moniz | Felipe Marques Maciel | Fernanda Messeder Moura | Rainer Guggenberger | Vinicius Francisco Chichurra

REVISÃO TÉCNICA  
Fábio Frohwein de Salles Moniz

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas | Faculdade de Letras – UFRJ  
Av. Horácio Macedo, 2151 – sala F-327 – Ilha do Fundão 21941-917 – Rio de Janeiro – RJ  
[www.lettras.ufrj.br/pgclassicas](http://www.lettras.ufrj.br/pgclassicas) – [pgclassicas@letras.ufrj.br](mailto:pgclassicas@letras.ufrj.br)

Resenha: BUXTON, Richard. **O mundo completo da mitologia grega**. Trad. José Maria G. de Souza Neto. Petrópolis: Editora Vozes, 2019. 256 p.  
Raphael Novaresi Leopoldo

SUBMISSÃO 13.01.2022 | APROVAÇÃO 23.06.2022 | PUBLICAÇÃO 24.02.2023

DOI <https://doi.org/10.17074/cpc.v1i43.49390>

E

m 2019, a editora Vozes publicou no Brasil *O mundo completo da mitologia grega*. O livro está materializado em capa dura e é fartamente ilustrado, inclusive com miolo e m papel apropriado para realçar suas 330 imagens, ainda que apenas 139 delas sejam coloridas. Evidenciase também que a referida editora manteve a diagramação da edição original (inglesa), o que condicionou a equipe editorial brasileira a empregar um espaçamento entre linhas mínimo no corpo do texto, pois o escrito em português ficou mais longo que aquele em inglês e as ilustrações precisam vir idealmente *pari passu* a sua menção ou alusão no texto. Isso resultou em uma disposição textual compacta em demasia, o que não é agradável visualmente.

O único dado que o livro traz sobre seu autor é o nome: Richard Buxton. Para qualquer outra informação, o leitor terá de pesquisar por conta própria. No *site* pessoal do autor,<sup>1</sup> pode-se apurar que este é de nacionalidade inglesa, professor emérito de língua e literatura grega na Universidade de Bristol, atuando ainda com pesquisas e conferências em sua especialidade: mitologia e literatura grega antigas. O *site* informa inclusive que *O mundo completo da mitologia grega* é seu livro de maior sucesso, foi publicado originalmente em inglês, no ano de 2004,<sup>2</sup> e hoje se encontra traduzido em onze idiomas.

A edição brasileira também é lacônica sobre o tradutor, fazendo constar, como no caso anterior, apenas o seu nome: José Mari Gomes de Souza Neto. Consultando a plataforma Lattes,<sup>3</sup> pode-se saber que ele é professor de história na Universidade de Pernambuco, com área de docência e pesquisa em Antiguidade clássica. Além disso, possui livros de sua autoria publicados e traduz para a Vozes pela segunda vez. Nesse quesito, cumprimos a editora por contar com um profissional que, além de conhecer a língua de partida, possui vínculos com a área de abrangência do livro; por outro lado, indicamos como fragilidade a ausência de dados sobre o autor e seu tradutor, o que documentaria e divulgaria melhor enriqueceria a edição de Buxton em circulação nacional.

Ao se observar a capa do livro, o título se sobrepõe, pois, impresso em fontes claras e em letras de caixa alta, contrasta oportunamente com o fundo, em tons escuros, que reproduz uma estátua da deusa Atena (pode-se deduzir que seja aquela postada em frente à Academia de Atenas, na Grécia). Esse título também capta o leitor em potencial pelo uso da expressão “o mundo completo” (tradução literal de “*complete world*”) por um simples cálculo: seria possível cumprir o que ele promete em 256 páginas? E o título permanece impreciso mesmo diante da espécie de elucidação feita pelo autor na introdução e inclusive reproduzida na contracapa do livro:

[...] a noção de *completude*, que o título implica e aspira, há de permanecer um ideal inatingível? Se *completo* significa narrar cada uma e todas as variações de cada um dos mitos, então a resposta será sim – embora não seja lá uma grande perda, pois tal empreitada, se levada ao pé da letra, afogaria o leitor num dilúvio de detalhes.<sup>4</sup>

Mais que isso, “o mundo completo” implicaria em um inventário detalhado e exaustivo de tudo quanto possa caber no significado do vocábulo mitologia, não apenas na narração completa dos mitos. Enfim, sem a pretensão de tal tarefa hercúlea, como expresso pelo próprio autor, o título prefere a ambiguidade proposital do marketing à exatidão acadêmica; ao menos em se pensando na lógica da língua de chegada, o que importa em uma edição brasileira. O tradutor da edição italiana, por exemplo, percebeu e encontrou saída para tal problema, adotando como título *A mitologia grega: fontes, lugares e iconografia (La mitologia greca: fonti, luoghi e iconografia)*.<sup>5</sup>

Apesar do mercado editorial de língua inglesa admitir o que chamamos imprecisão, Buxton sabe precisamente o que oferecer ao leitor, e sua proposta é não apenas idealizada, mas também satisfatoriamente realizada:

O que podemos fazer [...] é oferecer um quadro abrangente do *mundo* da mitologia grega – seus contornos e horizontes imaginativos, motivos e preocupações recorrentes, que

emprestam sentido às histórias. Este objetivo, factível e válido, será o foco das páginas que se seguem.<sup>6</sup>

Aliás, Buxton explora, desde as primeiras páginas e de modo saliente, a diversidade dos mitos gregos do mundo antigo nas tantas variações deles, articulando autores, gêneros, períodos, localidades etc. E, nesse tecido tão policromo, consegue fixar o leitor em um fio unitivo que conduz de um mito a outro, ou de um mito e suas versões e desdobramentos a outro, sem nós, compondo o que os tecelões chamam de *avesso perfeito*. Para tanto, o autor aproveita até mesmo das diferenças entre a narrativa literária e a representação dela nas artes plásticas da Antiguidade,<sup>7</sup> salientando inclusive “[...] a disposição grega a fechar os olhos às incongruências no que tange a seus mitos [...]” ou ainda “[...] a incansável capacidade do *diferente-dentro-do-mesmo* exibida pelos mitos gregos”.<sup>8</sup>

Em seu fazer, o autor inglês dividiu a obra em sete capítulos, os quais listamos no intuito de instigar o leitor: “Contexto, fontes, significados”; “Mitoses das origens”; “Os Olímpicos: poder, honra e sexualidade”; “Façanhas heroicas”; “Sagas Familiares”; “Uma paisagem mitológica” (trata-se da paisagem que serve de fundo às narrativas míticas); e, por fim, “Mitoses gregos após os gregos”. Cada um deles, por sua vez, encontra-se subdividido em várias seções.

Buxton desenvolve seu discurso tendo presente também discussões hoje em voga, mais especificamente os estudos de gênero. Nessa perspectiva, por exemplo, chama a atenção para a fragilidade de um semideus símbolo da virilidade:

Quando tratamos de Hércules, o reverso do seu muitíssimo bem-sucedido uso da violência contra adversários temíveis foi a propensão aos desastres em série no que tange às relações com mulheres.<sup>9</sup>

Ainda nesse sentido, comenta que, quando um deus ama um humano, esse amor está condenado à finitude, pois um homem não é eterno como um deus, e vai além:

A este fator devemos acrescentar um outro complicador (na verdade, uma situação de dois pesos e duas medidas) em termos de gênero para as divindades femininas, sexo com mortais poderia trazer desonra e duradoura infelicidade, enquanto para os homens a perda de *status* simplesmente não constava da equação.<sup>10</sup>

Desenvolvendo a menção anterior às ilustrações, convém dizer que as adotadas no livro o tornam uma obra bela. Retratam sobretudo a arte grega antiga (c. séc. v a.C.) e paisagens da Grécia dentro de resoluções quase sempre adequadas, isto é, sem distorção de imagem – infelizmente há exceções, como a foto que mostra as musas em um sarcófago romano de 150 d.C.<sup>11</sup> A propósito, eis aqui uma fragilidade recorrente mesmo em livros novos sobre o mundo antigo: o uso de fotografias tiradas há décadas, muitas em preto e branco, com qualidade inferior às possibilidades dos recursos técnicos hoje à disposição.

Ressalva seja feita, ao folhear o livro de Buxton: como não se admirar com a sensualidade do drapeado da veste e dos cabelos de Afrodite se erguendo da espuma no mar, na imagem do fragmento marmóreo do *Trono Ludovisi*, de meados do séc. v a.C.<sup>12</sup> Ou ainda com as ruínas do templo de Apolo em Delfos, retratado em meio à generosa natureza?<sup>13</sup> Aliás, até mesmo o sumário do livro é ilustrado.<sup>14</sup> E a relevância de se acercar de muitas e belas imagens, não apenas de objetos, mas também da geografia grega, no gênero do livro em questão, pode ser compreendida com palavras do próprio autor:

Muito da originalidade dessa mitologia [a grega] derivou do seu meio ambiente natural – montanhas, cavernas, rios, fontes, mar –, paisagens marcadamente divergentes daquelas, por exemplo, de regiões como Egito, Mesopotâmia, norte europeu, Japão, ou as planícies norte-americanas, todas lares de povos contadores de histórias para quem a configuração particular de seu próprio ambiente, como para os gregos antigos, moldou com profundidade os tipos de contos que conceberam.<sup>15</sup>

O livro também inclui mapas relevantes. O primeiro deles, muito oportunamente inserido na obra, é o mapa geral do mundo grego,<sup>16</sup> que detalha todo circuito histórico-geográfico com alguma relevância à mitologia da qual Buxton trata, auxiliando o leitor a se localizar em meio aos relevos, mares, rios, ilhas, regiões, povoações da Europa Meridional na Antiguidade. Além dele há outros seis, sempre que o mito envolve diretamente um espaço geográfico não estático: “A viagem do Argo”, “Os trabalhos de Hércules”, “Os feitos de Teseu no caminho para Atenas”, “Contingentes gregos em Troia”, “Montanhas”, “Rios”. Se, por exemplo, ao tomar a *Iliada* pela primeira vez, o leitor tiver em mãos o antepenúltimo mapa, compreenderá o poema com mais facilidade.

Também merecem menção positiva os quadros que constam em uma espécie de segundo nível, contendo tratamento de temas especiais, trechos de obras clássicas e até mesmo alguns excertos de obras recentes. Vale destacar que as traduções de clássicos antigos foram tomadas de edições que hoje temos por acuradas, como a *Iliada* e *Odisseia* na tradução de Carlos Alberto Nunes.<sup>17</sup> E a tradução de contemporâneos se deu em não menor cuidado, como o belíssimo poema “Ítaca”, de Konstantinos Kaváfis, na tradução de José Paulo Paes.<sup>18</sup> Além disso, há tabelas, como a que reúne a “Cronologia da narrativa mítica grega”, e vários quadros genealógicos, a exemplo de “As amantes mortais de Zeus e sua descendência”, que ajudam a guiar o leitor em meio a possíveis complexidades.<sup>19</sup>

Sobre características do texto em português, de modo geral, o livro apresenta boa redação, porém Souza Neto interfere na composição de Buxton com a inclusão de notas de rodapé em número excessivo. Em livro sobretudo traduzido, é natural que existam algumas notas, mas se faz necessário ponderar bem sobre cada ocorrência, pois induzem o leitor a interromper ou até mesmo desviar a atenção do principal, que é o corpo do texto.<sup>20</sup> Para melhorar os usos, em alguns casos, como os que veiculam referência geográfica, bastaria que o conteúdo da nota fosse inserido diretamente no corpo do texto, sem qualquer risco de trair, por assim dizer, o autor traduzido. Aliás, diga-se que o

próprio Buxton também inclui notas desnecessárias ou cujo conteúdo se encaixaria melhor no corpo do texto.<sup>21</sup>

Ainda a respeito do texto traduzido, um dos assuntos comumente abordado em livros sobre a Antiguidade clássica é o homoerotismo, que Buxton insere ao final do quinto capítulo.<sup>22</sup> Essa seção se mostra apropriada e esclarecedora para um tema muito debatido até o tempo corrente (ou sobretudo nele), ligado ao já dito sobre os estudos de gênero. Exatamente aí, ao citar o poeta Teógnis de Mégara, Buxton preferiu manter o vocábulo grego *paidophilia* em vez de traduzi-lo. Então Silva Neto, em nota, tece uma justificativa discutível:

O autor usa o termo grego mais próximo do texto-fonte, *paidophilia*, porque, a rigor, não há tradução possível nas linhas atuais. A palavra mais próxima, pedofilia, sua derivação direta, refere-se hoje a uma desordem psiquiátrica (segundo a OMS) e/ou a uma perversão (ou parafilia) sexual.<sup>23</sup>

Ora, se realmente houvesse aí a necessidade de uma nota, seria preciso não apenas indicar nela a falta de correspondência exata entre *paidophilia* e pedofilia, mas também dar o conceito de *paidophilia* em si – o que, outrossim, deveria ter sido feito pelo próprio autor inglês. Caso contrário, melhor seria continuar apenas com as palavras de Buxton.

Mais que isso, se analisarmos pela concepção moral e acepção vocabular de hoje, o que os gregos antigos faziam não poderia ser tido por pedofilia? E ainda: mesmo que eles não considerassem a pedofilia um problema, isso não nos impede de analisarmos aquela sociedade e enxergarmos nela um problema. Ademais, o autor assinala que certas práticas divinas fogem mesmo aos padrões da cultura grega clássica: “Quando um dos parceiros de uma relação homossexual é um deus, o aspecto etário da discrepância entre os amantes exige um ligeiro reposicionamento: Qual a idade de uma divindade?”<sup>24</sup> Aliás, páginas antes, o próprio Buxton chama a atenção para a “[...] ampla tolerância de que desfrutava a pederastia na cultura grega clássica [...]”<sup>25</sup>

Além disso, alguns períodos carecem de revisão ou nova revisão textual. Por exemplo, em se tratando de Laio, lê-se:

[...] hóspede de Pélops, ele se apaixonou, e em seguida raptou, pelo belo filho ilegítimo de seu anfitrião, um rapaz de nome Crísipo (Cavalo de Ouro) [...].<sup>26</sup>

Temos aí um período composto por coordenação, com duas orações compartilhando o mesmo objeto – sintaxe natural no inglês, mas equivocada no português. Para evitar a repetição deste, o tradutor inseriu o segundo verbo logo após o primeiro, o que criou um obstáculo ao adequado entendimento da frase, que deveria estar assim composta: hóspede de Pélops, ele se apaixonou pelo belo filho ilegítimo de seu anfitrião, um rapaz de nome Crísipo (Cavalo de Ouro), e em seguida o raptou. Quanto à padronização, o texto usa *A ilíada* e *A odisseia*, com artigo – inclusive diferindo da escolha do já mencionado tradutor de Homero de que Silva Neto faz uso –, enquanto grafia *Metamorfoses*, sem artigo.

Como seções finais, o livro traz ainda um catálogo de *Leituras adicionais* separadas por capítulo, até mesmo com uma muito oportuna inserção da bibliografia utilizada especificamente na edição brasileira.<sup>27</sup> Isso equilibra o fato de a bibliografia dada pelo autor ser majoritariamente de obras em língua inglesa e outras, estrangeiras, haja vista que, em terras verde-amarelas, infelizmente não temos a cultura do bilinguismo ou trilinguismo disseminada.

Na sequência, a seção “Créditos das ilustrações” está composta em ordem alfabética pelo nome da entidade ou pessoa que detém os direitos de imagem, o que torna muito difícil ao leitor encontrar informações sobre uma imagem em específico. Em vez disso, a referência deveria ser o número da página na qual consta a imagem. Por exemplo, não sabendo o nome de quem detém os direitos da foto da capa, que retrata a deusa Atenas, não foi possível localizar com segurança de que lugar do mundo é a imagem, por isso a indicação hipotética no quinto parágrafo desta resenha. A edição também conta com um útil índice remissivo.

Cabe dizer, por fim, que o livro de Buxton, agora felizmente à disposição também em tradução no Brasil, poderá ser de valia àqueles que se iniciam no caleidoscópio da mitologia grega, para que não se intimidem com a multiplicidade e

intensidade de formas e cores. Além disso, também poderá ser uma possibilidade de leitura agradável para os já experientes nessa área, pois o engenhoso labirinto da mitologia sempre guarda algum encanto, mesmo para Teseu vitorioso. Mais ainda, para aqueles aos quais o sonho de visitar o mundo clássico *in loco* ainda não seja possível, eis aí uma boa alternativa para o imediato.

- <sup>1</sup> Que felizmente existe, disponível em: richardgabuxton.co.uk. Acesso em 09 jan. 2021.
- <sup>2</sup> BUXTON, Richard. **The Complete World of Greek Mythology**. London: Thames & Hudson, 2004.
- <sup>3</sup> Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/2933742577119428>>. Último acesso em: 04 jan. 2021.
- <sup>4</sup> BUXTON, 2019, p. 11 (grifos do autor).
- <sup>5</sup> BUXTON, Richard. **La mitologia greca: fonti, luoghi e iconografia**. Modena: Logos, 2006.
- <sup>6</sup> BUXTON, 2019, p. 11, grifo do autor.
- <sup>7</sup> Como na p. 135.
- <sup>8</sup> BUXTON, 2019, p. 63 e 135 (esta com grifo do autor), respectivamente.
- <sup>9</sup> Idem, ibidem, p. 121.
- <sup>10</sup> Idem, ibidem, p. 94.
- <sup>11</sup> Idem, ibidem, p. 86.
- <sup>12</sup> Idem, ibidem, p. 46. Pode-se conferir esta mesma imagem tão ampliada quanto distorcida na p. 42-43.
- <sup>13</sup> Idem, ibidem, p. 74 e 163.
- <sup>14</sup> Idem, ibidem, p. 4-5.
- <sup>15</sup> Idem, ibidem, p. 178.
- <sup>16</sup> Idem, ibidem, p. 12-13.
- <sup>17</sup> HOMERO. **Iliáda**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 25. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015; HOMERO. **Odisseia**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 25. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. Apud: BUXTON, 2019, passim.
- <sup>18</sup> KAVÁFIS, Konstantinos. **Poemas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s.d. p. 118. Apud: BUXTON, 2019, p. 242.
- <sup>19</sup> BUXTON, 2019, p. 8 e 97, respectivamente.
- <sup>20</sup> Exemplos de interferências dispensáveis: nota 3, p. 17, e nota 17, p. 33.
- <sup>21</sup> E.g. notas 213, 214 e 215, p. 234.
- <sup>22</sup> BUXTON, 2019, p. 174-177.
- <sup>23</sup> Idem, ibidem, p. 176, nota 148.
- <sup>24</sup> Idem, ibidem, p. 176.
- <sup>25</sup> Idem, ibidem, p. 162.
- <sup>26</sup> Idem, ibidem, p. 162.
- <sup>27</sup> Idem, ibidem, p. 249-250.